

As deficiências do processo comunicativo jornalístico das parolimpíadas Rio 2016

Eduarda REOLON¹

Paula Bica FLORES²

Prof.^o. Dr. Marco Bonito³

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

RESUMO

Este artigo tem como objetivo contextualizar as deficiências jornalísticas, nos principais veículos de comunicação que produziram conteúdos durante as parolimpíadas Rio 2016. A partir das características da acessibilidade comunicativa e do conceito de Desenho Universal procurou-se reunir estas informações como etapa inicial da pesquisa. Por fim, conclui-se que o jornalismo realizado na cobertura das parolimpíadas Rio 2016 possui deficiências associadas aos processos comunicativos e carece de reestruturação cultural e conceitual.

PALAVRAS-CHAVE: acessibilidade comunicativa; jornalismo; comunicação digital; parolimpíadas; processo comunicativo.

INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

A questão que norteia o trabalho é apresentar quais são as deficiências no processo comunicativo que ocorreu durante a transmissão das Parolimpíadas Rio 2016, realizada no período de 7 à 18 de agosto de 2016. À princípio, percebe-se que os conteúdos jornalísticos enfrentaram deficiências no processo comunicativo, durante as transmissões, nos diversos canais digitais e analógicos, impedindo que muitas pessoas

¹ Eduarda REOLON: estudante de graduação no Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa - Unipampa

² Paula FLORES: estudante de graduação no Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa – Unipampa

³ Orientador do Trabalho: Prof. Marco Bonito; Doutor em Processos Comunicacionais pela Unisinos e Mestre em Cultura Midiática pela UNIP, Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa - Unipampa

com deficiência, visual e auditiva, pudessem ter acesso às narrações dos jogos e conteúdos jornalísticos gerados. A precariedade e ausência da audiodescrição e da tradução em Libras², que deveria ser um processo obrigatório em função das leis que regulamentam a questão, para que toda a sociedade recebesse a informação, gerou na inacessibilidade comunicativa durante a paralimpíada Rio 2016. Dentre estas consequências, muitas pessoas com deficiência visual e auditiva enfrentaram o problema de não ter autonomia em escolher o formato que melhor contemplasse suas condições sensoriais para acompanhar os eventos esportivos. O Desenho Universal é um conceito para facilitar a convivência e acessibilidade de quaisquer pessoas, a qualquer coisa, independente de ser pessoa com deficiência ou não. Segundo Ana Cláudia Carletto e Silvana Cambiaghi:

O Desenho Universal não é uma tecnologia direcionada apenas aos que dele necessitam; é desenhado para todas as pessoas. A ideia do Desenho Universal é, justamente, evitar a necessidade de ambientes e produtos especiais para pessoas com deficiências, assegurando que todos possam utilizar com segurança e autonomia os diversos espaços construídos e objetos. (CARLETTO, Ana Claudia; CAMBIAGHI, Silvana. 2008. Pág 10)

Sendo assim, o Desenho Universal é proposto e destinado para todas as pessoas, em um aspecto realmente universal, havendo assim uma melhoria na acessibilidade do cotidiano de cada cidadão em seu ambiente com autonomia e segurança, transformando e democratizando a vida em sociedade. Neste sentido, o mesmo se aplica para as questões comunicativas, inclusive, as jornalísticas.

O Jornalismo Digital enfrentou problemas no processo comunicativo durante as paralimpíadas Rio 2016, pois muitos sites e canais da web não consideraram o objetivo de comunicar informações para pessoas com deficiência. Segundo Débora Conforto e Lucila Maria Costi Santarosa:

O número de pessoas com necessidades especiais (SIC) cresce em todos os países; tais pessoas começam a reivindicar seu legítimo direito de ter acesso à informação e, principalmente, a uma informação

² Libras: Língua oficial brasileira de sinais, código de linguagem da comunidade surda.

que possa ser compreendida e apropriada. O acesso aos benefícios da Internet deve ser otimizado buscando reduzir as discriminações e as exclusões sem, com isso, prejudicar suas características gráficas ou suas funcionalidades. (CONFORTO e SANTAROSA, . 2002, pág 5)

Desta forma, é evidente a necessidade de problematizar a acessibilidade comunicativa para que assim pessoas com deficiência recebam informações com isonomia, assim como qualquer outra pessoa. Neste sentido, trazer benefícios para um número maior de usuários e incluir os mesmos na sociedade com autonomia, com uma disponibilização de conteúdos acessíveis.

CONTEXTO DAS PARALIMPIADAS E DO JORNALISMO DIGITAL

PARALIMPIADA

Segundo reportagem³ do portal oficial do Governo Federal sobre os jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 (2016), as paralimpíadas foram inicialmente destinadas à pessoa com deficiência auditiva, logo após para cegos. Com o final da Segunda Guerra Mundial, muitos soldados voltaram para suas casas mutilados e para serem inseridos novamente na sociedade, criou-se então esportes adaptados para eles. Ludwig Guttmann, neurologista e neurocirurgião alemão, foi convidado pelo Governo Britânico, em 1944, a dar início às atividades de um centro de referência, no Hospital Stoke Mandeville, especializado em traumas medulares. A partir disto, o esporte paralímpico passou a ser reconhecido como uma atividade importante para a inserção de indivíduos que retornavam da Guerra. Em 1948, ainda sem os jogos paralímpicos, na abertura dos jogos Olímpicos, em Londres, participaram 16 cadeirantes, dentre estes, apenas duas mulheres.

A primeira paraolimpíada foi oficializada em 1960, realizada em Roma, com cerca de 400 atletas de 23 países, estes competiram em oito esportes: tiro com arco, atletismo, dardos, sinuca, natação, tênis de mesa, basquetebol em cadeira de rodas, esgrima em cadeira de rodas.

³ Link para o site oficial das Paralimpíadas:
<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/paraolimpiadas/historia>

Organizada juntamente com os jogos Olímpicos de quatro em quatro anos. Devido ao crescimento dos esportes “adaptados”, foi criada a Organização Internacional de Esportes para Deficientes (ISOD), em 1964.

A seguir, apresentamos tabela descritiva, com o ano, cidade e país que foi sediada as paralimpíadas, segundo o jornal O Estado de São Paulo (2009):

Ano	Cidade	País
1960	Roma	Itália
1964	Tóquio	Japão
1968	México	México
1972	Munique	Alemanha Ocidental
1976	Montreal	Canada
1980	Moscou	União Soviética
1984	Los Angeles	EUA
1988	Seoul	Coréia do Sul
1992	Barcelona	Espanha
1996	Atlanta	EUA
2000	Sidney	Austrália
2004	Atenas	Grécia
2008	Pequim	China
2012	Londres	Reino Unido
2016	Rio de Janeiro	Brasil

A última paralimpíada realizada foi em 2016 na cidade do Rio de Janeiro, durante o período de 7 à 18 de agosto. Segundo portal oficial do Governo Federal sobre os jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 (2016), o número de atletas que participaram dos jogos Paralímpicos foi de 4 mil e cerca de 160 países. A abertura do evento ocorreu no Estádio do Maracanã. Os esportes competitivos na paralimpíada foram: atletismo, basquete em cadeira de rodas, bocha, ciclismo de estrada, ciclismo de

pista, canoagem, esgrima, futebol de 5, futebol de 7, goalball, levantamento de peso, hipismo, judô, natação, remo, rúgbi, tênis, tênis de mesa, tiro esportivo, tiro com arco, triatlo, vela e voleibol.

JORNALISMO DIGITAL

O desenvolvimento do jornalismo digital é marcado a partir do momento em que a internet começou a se popularizar e potencializar a produção e a narrativa jornalística, que se diferenciavam dos meios tradicionais que já eram conhecidos pela sociedade (rádio, televisão, jornal impresso, entre outros). Para Palacios (1999), surgiram seis características próprias e fundamentais do jornalismo digital conhecidas como multimídia, interatividade, personalização, hipertextualidade, instantaneidade e a memória. Cada qual com suas propriedades, segundo o autor::

- Multimídia\Convergência: Essa característica está relacionada à convergência dos formatos que as mídias tradicionais seguem. A informação passa por um processo de digitalização e sua disponibilização é seguida para várias plataformas multimídias, ocorrendo assim um complemento para o receptor.
- Interatividade: Quando o leitor\receptor sente-se parte da narrativa jornalística. Assim, ocorre a interação entre o emissor e o receptor, por exemplo, quando o leitor pode dar sua opinião sobre algum assunto que está na plataforma.
- Personalização\Customização do Conteúdo: Esta característica oferece ao leitor a oportunidade de configurar segundo seus interesses o produto jornalístico. Como em vários sites, é possível que o leitor escolha a apresentação da plataforma, assim como qual assunto quer ter acesso.
- Hipertextualidade: Possibilita ao receptor uma interconexão de textos, através do uso de hiperligações, conhecidas como links ou então o uso de imagens informativas, vídeos e sons, que ligam uma informação a outra, porém com o mesmo ou parcial assunto.
- Instantaneidade\Atualização Contínua: Como o próprio nome ressalta, esta

característica facilita a produção, pois é possível que haja uma atualização no conteúdo jornalístico sempre que possível e a agilidade na atualização do material que já está na web.

- Memória: Esta característica resulta na acumulação de informação. Na web é possível ocorrer esta devido ao processo de hiperligação, ligando uma informação na outra, mesmo que estas são de datas e episódios diferentes.

O jornalismo digital ganhou força no início deste século, pois, os canais tradicionais migraram para a internet, assim passando por adequações em relação às diferentes formas de publicar um conteúdo na Web. Estas adequações passaram, inicialmente, por três gerações ou fases, com as seguintes definições de acordo com a pesquisadora Luciana Mielniczuk (2001):

1ª fase: O jornal impresso foi o pioneiro a passar seu conteúdo para a internet, porém ainda havia uma limitação nas informações que eram repassadas à plataforma digital e estas informações já estavam disponíveis em seu formato convencional.

2ª fase: O jornal impresso ainda se faz presente no cotidiano da sociedade, porém novas experiências de explorar o meio digital e fazer novos modelos na plataforma são utilizadas. Assim, surgem informações que estão no jornal impresso, mas são apropriadas para a Web.

3ª fase: Nesta fase, existem sites e produtos que são formados exclusivamente para a plataforma digital. Jornais que são destinados ao público que acessa as informações pela internet. Surge assim, um jornalismo inovador, com novas estruturas e um design mais específico.

A partir de um artigo publicado pelo pesquisador Marco Bonito, sobre a questão da acessibilidade comunicativa como característica fundamental do jornalismo digital (2016), entendemos a necessidade da problematização da falta de acessibilidade na produção jornalística em meios digitais. Segundo Marco Bonito (2016):

Inúmeras Tecnologias de Informação e Comunicação já foram desenvolvidas, ao longo do tempo, e estão disponíveis em canais na web, no entanto, as apropriações efetivas ainda dependem de mudanças culturais. Contudo, o uso eficiente dessas tecnologias depende de uma

mudança de postura baseada na gênese da produção dos conteúdos. Esses devem ser adequados às propriedades das acessibilidades em comunicação. O cenário comunicacional atual conta com uma imensa produção de conteúdos sem acessibilidade, produzidos principalmente pelos videntes. (BONITO, 2016, pág 189)

Sendo assim, apesar da tecnologia estar presente no dia a dia da sociedade, ainda há a necessidade de algumas mudanças, do âmbito cultural, a serem feitas. Pois, estas inovações deveriam ser utilizadas para ocorrer uma melhoria na produção de informação que gera sentidos, inclusive para pessoas com deficiência sensorial, para que estes possam ter acesso aos conteúdos acessíveis, por questões de direito humano e de cidadania.

OBJETIVOS DESTA PESQUISA

- Objetivo principal: contextualizar e problematizar as deficiências no processo comunicativo, em relação à falta de acessibilidade comunicativa, no conteúdo jornalístico produzido nos principais veículos de comunicação digital, durante as parolimpíadas Rio 2016.

- Objetivo secundário: Compreender as lógicas do conceito de Desenho Universal e Acessibilidade Comunicativa em função do jornalismo;

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E REFLEXÃO CRÍTICA

DESENHO UNIVERSAL

Criado após a Revolução Industrial, o objetivo era reestruturar os produtos que eram massificados. Em 1961, países como Japão, EUA e algumas nações Europeias, reuniram-se na Suécia para modificar o conceito de “homem padrão”. Em vista disso, no ano de 1963, em Washington, nasceu a Barrier Free Design, esta tinha o objetivo de oferecer uma acessibilidade adequada para que pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, pudessem usufruir. Com o passar dos anos, em 1987, Ron Mace arquiteto

americano fez um estudo mais avançado dando um conceito realmente universal, renomeando para Universal Design.

Na década de 1990, Ron convidou outros arquitetos para fazer parte de um grupo, este defendia sete princípios referentes à acessibilidade humana, segundo Ana Cláudia Carletto e Silvana Cambiaghi, são eles:

- Igualitário – Lugares, produtos e utensílios que podem ser usados por diferentes pessoas e estas com diferentes capacidades. Tornando assim, igualitários os mais diversos ambientes.

- Adaptável – Ambientes e produtos que são destinados a pessoas com habilidades e preferências diferentes, assim todos podem utilizar.

- Óbvio – Qualquer pessoa pode entender e compreender, independente da sua habilidade, escolaridade, experiência e nível de concentração.

- Conhecido – Quando a informação é necessária, assim deve ser transmitida de uma forma que todas as pessoas consigam compreender.

- Seguro – Método para evitar acidentes e minimizar os possíveis riscos e consequências.

- Sem Esforço – Baixo esforço físico, é utilizado eficientemente, para que a pessoa tenha conforto.

- Abrangente – Cria ambientes e dimensões apropriados para que haja acesso e alcance, independentemente do tipo físico ou a mobilidade de cada pessoa.

Sendo assim, o Desenho Universal, existe para que os ambientes e produtos estejam preparados para receber qualquer pessoa, independente de ser pessoa com deficiência ou não, seja por idade ou por situação, pois tornar como principal objetivo a autonomia, esta que alcançada seria um avanço para a igualdade.

ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA

Durante as Paralimpíada Rio 2016, foi possível encontrar deficiências na transmissão das informações com acessibilidade no processo comunicativo. Pois segundo a pesquisa coordenada pelo professor Marco Bonito e colaboração de

estudantes na coleta de dados, ficou evidente a dificuldade de acesso à comunicação para muitas pessoas com deficiência nas Paralimpíadas. Segundo Marco Bonito (2016):

É importante ressaltar que, no que tange os conteúdos webjornalísticos, a "Acessibilidade Comunicativa" deve ser parte da gênese da pauta, para que seja planejada, contemplada e desenvolvida conjuntamente com as demais características, evitando assim que os conteúdos, depois de prontos, sejam adaptados às necessidades das pessoas com deficiência. (BONITO, 2016. pg 192)

Sendo assim, a acessibilidade comunicativa é além de um processo tecnológico, mas também um processo social. Pois deve estar presente no planejamento e desenvolvimento das informações, tanto em espaço físico como digital e não somente ocorrer uma adaptação ao produto final, este para ser destinado ao público. Marco Bonito também ressalta que:

[...] convenções passaram a servir como argumento definitivo sobre a importância da ampliação do acesso às informações às pessoas com deficiência em igualdade de condições a todos os demais cidadãos. No entanto, as emissoras continuavam a fingir que a lei não existia e, já que as políticas públicas não se bastavam, as entidades de classe representantes das pessoas com deficiência passaram a promover pressões políticas e sociais, exigindo seus direitos. Em maio de 2008, um mês antes de vencer. (BONITO, 2016. pg 184)

Desta forma, o ato de reconhecer as diferenças que cada cidadão possui, amplia o método de acesso a informação que permite então ocorrer práticas de Acessibilidade Comunicativa. Porém, muitos meios não seguem as leis estabelecidas, estas que afirmam o direito da pessoa com deficiência ter acesso a informação e neste mesmo contexto gerar autonomia a cada cidadão.

METODOLOGIA

Para a produção deste artigo científico utilizamos a pesquisa de contextualização, bibliográfica e a teórica para compor o conjunto metodológico que pretende responder à questão problema proposta, bem como, atingir os objetivos

indicados. Neste sentido, entendemos que a pesquisa de contextualização, assim como explica Efendy Maldonado:

Na pesquisa, a contextualização é um processo de reflexão, aprofundamento, sistematização e exposição que dá valor sócio-histórico e científico aos projetos. No caso da comunicação é indispensável, situar cada pesquisa nos múltiplos contextos (acadêmico, social, geopolítico, cultural, tecnológico, religioso, etc), nos quais vai ser produzida de modo a valorizá-la na sua dimensão sociopolítica. (MALDONADO, 2011. pág 280)

Desta forma, a pesquisa de contextualização nos serviu para compreender melhor o objeto pesquisado e problematizá-lo em relação à sua condição acadêmica e cultural do ambiente jornalístico.

Para a elaboração deste trabalho científico, também realizamos pesquisa bibliográfica e teórica, analisando um conjunto de bibliografias e teorias para maior entendimento do assunto, no qual nos aprofundamos. Segundo Efendy Maldonado (2011):

A investigação teórica é imprescindível em toda pesquisa, tanto em Iniciação Científica quanto nos diferentes níveis de pós-graduação, sem um esforço sistemático de exploração, aprofundamento e compreensão dos tecidos de ideias, conceitos, raciocínio, argumentos, proposições, matrizes e modelos, não é possível fundamentar minimamente uma proposta, um projeto de pesquisa. (MALDONADO, 2011. 294)

Neste sentido, a prática de estudar as teorias é fundamental para que tenhamos um conhecimento e entendimento amplo sobre um determinado assunto. Os trabalhos realizados devem ter, preferencialmente, um embasamento teórico e bibliográfico, pois é necessário ir além das referências que já possuímos para que possamos considerar as questões problemáticas propostas em nossa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão problema proposta nesta pesquisa tratava-se de compreender quais eram as deficiências no processo comunicativo jornalístico durante as Paralimpíadas Rio 2016. A partir do exposto acima, podemos compreender que estes processos jornalísticos carecem de ajustes conceituais que corroborem com a característica fundamental da acessibilidade comunicativa como Direito Humano básico.

Sendo assim, concluímos que a paralimpíada Rio 2016, mesmo sendo um evento voltado para as pessoas com deficiência, não respeita os Direitos Humanos, em relação à comunicação, ao desconsiderar a acessibilidade comunicativa como conceito fundamental para a produção de conteúdos jornalísticos sob as lógicas do Desenho Universal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONITO, Marco. A problematização da acessibilidade comunicativa como característica conceitual do jornalismo digital. 2016

CARLETTO, Ana Claudia; CAMBIAGHI, Silvana. Desenho Universal: um conceito para todos. São Paulo, 2008

CONFORTO, Débora e SANTAROSA, Lucila M. C. Acessibilidade à Web : Internet para Todos. Revista de Informática na Educação: Teoria, Prática – PGIE/UFRGS. V.5 N° 2 p.87-102. nov/2002

ESTADÃO, São Paulo. Confira a lista com todas as sedes dos Jogos Olímpicos. 2009. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/geral.confira-a-lista-com-todas-as-sedes-dos-jogos-olimpicos,444807> Acesso em: 14 de abril. 2017.

MACHADO Elias e PALACIOS Marcos - Modelos de Jornalismo Digital

MALDONADO, Efendy. Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina. 2011.

MIELNICZUK, Luciana. Características e implicações do jornalismo na Web. 2001

PUFF, Jefferson. De Paraolimpíada a Paralimpíada: por que a mudança? 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37303852> Acesso em: 14 de abril. 2017.

Portal Oficial do Governo Federal sobre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 .História .2016. Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/paraolimpiadas/historia> Acesso em: 14 de abril. 2017.